

O FARAÓ MERNEFTÁ

ROMANCE DO ANTIGO EGITO

Solicite nosso catálogo completo, com mais de 350 títulos, onde você encontra as melhores opções do bom livro espírita: literatura infantojuvenil, contos, obras biográficas e de autoajuda, mensagens espirituais, romances, estudos doutrinários, obras básicas de Allan Kardec, e mais os esclarecedores cursos e estudos para aplicação no centro espírita - iniciação, mediunidade, reuniões mediúnicas, oratória, desobsessão, fluidos e passes.

E caso não encontre os nossos livros na livraria de sua preferência, solicite o endereço de nosso distribuidor mais próximo de você.

Edição e distribuição

EDITORA EME

Caixa Postal 1820 - CEP 13360-000 - Capivari-SP

Telefones: (19) 3491-7000 | 3491-5449

Vivo (19) 99983-2575 📞 | Claro (19) 99317-2800 | Tim (19) 98335-4094
vendas@editoraeme.com.br - www.editoraeme.com.br

O FARAÓ MERNEFTÁ

Romance mediúnico (do Antigo Egito)

Ditado pelo espírito J. W. Rochester
Vera Kryzhanovskaia (médium)

Tradução de Cristina Florez

Capivari-SP
- 2016 -

© 2016 Editora EME

Todos os direitos desta tradução são de exclusividade da Editora EME, cedidos pela tradutora, Cristina Florez.

A Editora EME mantém o Centro Espírita “Mensagem de Esperança” e patrocina, com outras empresas, a Central de Educação e Atendimento da Criança (Casa da Criança), em Capivari-SP.

1ª edição - dezembro/2016 - 5.000 exemplares

TRADUÇÃO | Cristina Florez; Caroline Campos e Leticia Toledo (parte do “Relato de Necho”)

REVISÃO, UNIFICAÇÃO E EDIÇÃO GERAL DA TRADUÇÃO | Matheus Rodrigues de Camargo

CAPA | André Stenico

DIAGRAMAÇÃO E REVISÃO | Editora EME

Ficha catalográfica

Rochester, J. W. (espírito)

O faraó Merneftá / pelo espírito J. W. Rochester;
[psicografado por] Vera Kryzhanovskaia - 1ª ed. dezembro 2016
- Capivari, SP : Editora EME.

304 p.

ISBN 978-85-66805-94-9

1. Romance mediúnico. 2. Romance do Antigo Egito. 3. Espiritismo. 4. Mediunidade. I. TÍTULO.

CDD 133.9

SUMÁRIO

<i>Observação do autor (espírito)</i>	7
Prólogo - A confissão do espírito de Termutis.....	9
O relato de Pinéas	53
O relato de Necho	157
<i>Observação suplementar do autor (espírito)</i>	301

OBSERVAÇÃO DO AUTOR (ESPÍRITO)

EU DESEJAVA MUITO obter um relato detalhado do espírito Termutis, essa filha de faraó tão intimamente ligada ao destino do grande legislador hebreu, à qual a lenda chama de “sua mãe adotiva”. Mas a menção de muitos fatos é penosa a seu espírito; outros lhe parecem sagrados demais para serem entregues a um público que, talvez, não lhes dê crédito. De maneira geral, tudo o que diz respeito à personalidade de Moisés lhe é de tal modo precioso, que o julgamento que dele faz Merneftá – que não pode ter guardado boas lembranças do libertador de Israel – muito a entristece, embora tal julgamento seja justo e imparcial.

Para os espíritos, que sabem que a individualidade separada do corpo conserva seus gostos, opinião, princípios e, sobretudo, sua vontade, será compreensível que eu me tenha submetido às restrições desejadas por Termutis, pois somente por minhas súplicas e pela de meus guias, e para não prejudicar a obra que tenho empreendido, ela consentiu em ditar alguns episódios de sua vida relacionados ao homem que tão caro custou ao Egito, episódios que ajudarão a esclarecer esse passado remoto, envolto no véu impenetrável dos séculos decorridos desde então.

ROCHESTER

A CONFISSÃO DO ESPÍRITO TERMUTIS

É COM UM SENTIMENTO DOLOROSO que cedo ao desejo de Rochester e de seus guias, e consinto em revelar alguns episódios dessa existência longínqua. Eles servirão para provar uma vez mais que o coração humano não muda, e que ter uma posição elevada jamais poupará o ser dos sofrimentos morais comuns à humanidade.

Evocando as dores e fraquezas que fizeram a mulher de sangue real esquecer seu nascimento e seus preconceitos de casta, confesso que minha aversão provém em parte de meu temor desses mesmos preconceitos, sempre senhores da sociedade, dos quais permanecemos escravos. Mas é necessário lembrar aos espíritas que não existem “egípcios” nem “hebreus” entre os espíritos? E que somente as virtudes e os vícios fazem os eleitos ou os reprovados?

Na época em que meu relato começa, e em que se deu o episódio que decidi meu futuro, a corte se situava em Tanis, cidade que meu irmão, o faraó Ramsés II, tanto apreciava. Eu era então uma bela jovem, alegre, despreocupada, bondosa, mas fraca de caráter. Amada, adulada e habituada a ver meu séquito se dobrar a todos os meus caprichos, eu vivia feliz, orgulhosa de minha posição e de minha beleza, convencida de que o futuro só me reservava rosas. Meu coração era livre e nenhum dos homens que me faziam a corte me agradava. Entre aqueles cujos olhares me veneravam obstinadamente estava um jovem egípcio de linhagem

ilustre, chamado Chenefrés. Era um belo homem de vinte e seis a vinte e sete anos, dono de imensa fortuna e bem-visto por Ramsés, junto a quem ocupava um cargo de importância. Mas ele me inspirava, não sei por quê, um sentimento desagradável. Certa feita, numa festa, senti-me fatigada; desejando ficar só, retirei-me para o jardim, seguida de longe apenas por uma de minhas damas de companhia. Dirigi-me rapidamente até um caramanchão de acácias, perto de um riacho, local de que eu particularmente gostava. Chegando, avistei com espanto Chenefrés recostado a um banco de pedra, parecendo sofrer de um violento pesar. Ao me ver, levantou-se de um salto e quis partir, mas sua expressão desolada me comoveu; dominando minha aversão, perguntei o que o afligia, e se eu podia ajudá-lo a se livrar do verme que parecia corroer seu coração.

Ao ouvir minhas palavras, Chenefrés perturbou-se e, lançando-se aos meus pés, beijou a barra de minha túnica, jurou que me amava e suplicou se poderia ter esperança de um dia ser escolhido meu esposo. Como eu já disse, estava longe de amar Chenefrés; suas palavras, por mais humildes que fossem, me desgostaram. Revestida de todo meu orgulho real, respondi que ele jamais me inspirara outros sentimentos senão aqueles que uma filha de faraó poderia ter por um súdito fiel, por um servidor.

Chenefrés levantou-se e, cruzando os braços sobre o peito, inclinou-se respeitosamente, suplicando-me que lhe perdoasse a louca ousadia. Mas, ao me virar, percebi que um ódio implacável chispava em seus olhos negros. Ai! Aquela inimizade, que eu menosprezei, viria a desempenhar papel significativo em minha vida. Menciono esta cena para que se compreendam os acontecimentos que a seguiram.

Ao longo de minha estadia em Tanis, notei que minha melhor amiga e parceira, Asnat, andava triste e pensativa. Ao surpreendê-la certa noite com lágrimas nos olhos, eu a levei até meu terraço, fiz com que se sentasse ao meu lado e lhe disse, segurando suas mãos:

- Querida Asnat, há tempo noto que está triste, e isso me aflige. Revele-me a razão de seu sofrimento. Talvez eu possa ajudá-la.

Sem responder, Asnat lançou-se aos meus pés e, escondendo a cabeça em meus joelhos, caiu no choro.

- Vamos, confie-me tudo - eu disse, acariciando seus cabelos. - É impossível que nós duas juntas não consigamos encontrar remédio para sua aflição.

Ela beijou minhas mãos e respondeu, com voz baixa:

- Somente a você, Termutis, minha amiga e soberana, eu posso confiar tudo: eu amo e sou amada. Mas é um amor nefasto, que os deuses jamais abençoarão. Você conhece meu pai e sabe o quanto ele é orgulhoso, ríspido e severo... Jamais ele me entregará àquele que elegi.

- Quem você ama, afinal? - indaguei, espantada. - É um homem de casta impura, ou algum miserável amu¹? Mas como pôde gostar de tal homem, quando podia escolher entre os mais elegantes da corte?

- Não, não! - exclamou Asnat. - Aquele a quem amo é um egípcio, um grande artista, tão bom quanto bonito. Trata-se de um escultor, seu nome é Apopi. Trabalhou algum tempo em Tebas, na casa de um tio dele, o qual executa grandes trabalhos para meu pai no mausoléu de nossa família e em nosso palácio. Foi lá que eu o vi e que nos apaixonamos; hoje ele tem seu próprio ateliê aqui, e eu o encontrei duas ou três vezes na rua, mas me foi impossível falar com ele ou mesmo vê-lo de perto; não consegui inventar um pretexto, pois tenho medo só de pensar que meu pai desconfie de algo; ele o faria desaparecer sem misericórdia.

- Enxugue suas lágrimas, Asnat - eu disse alegremente. - Amanhã mesmo você verá seu bem-amado. Eu irei pessoalmente à casa do escultor e lhe farei algumas encomendas. Já faz tempo que desejo uma estatueta de Hator, esculpida em pedra verde de Mafkat. Será Apopi quem a fará, assim como o busto de nossa querida companheira Senimutis, que Osíris chamou para si há algumas semanas. Dê ordens para que amanhã, antes da hora mais quente, seja trazida minha liteira, e que meu séquito esteja pronto para me acompanhar.

No dia seguinte, acomodei-me em minha liteira, fiz com que a trêmula Asnat se sentasse ao meu lado, e ordenei que me conduzissem até a casa do escultor Apopi. A manhã estava magnífica, e foi uma delícia para mim esse longo passeio, pois saímos da cidade e meus carregadores só pararam quando chegamos diante de uma casa de modesta aparência, cercada de jardim frondoso, na periferia da cidade. Certamente informado por um de meus batedores, o jovem artista, ruborizado de emoção, já se encontrava de pé no

1 Referência a povos do Oriente Médio em geral, vistos como inferiores ou como inimigos dos egípcios (por exemplo, os semitas).

limiar da porta. À minha aproximação, ele curvou-se, louvando em voz alta aos deuses, que abençoavam sua morada trazendo sob seu teto a irmã de seu soberano. Eu desci, dizendo antes a Asnat, que estava embevecida:

– Trate de conter-se; é muito belo, o seu eleito.

A seguir, expressei o desejo de visitar o ateliê do escultor, pois desejava avaliar seu trabalho e fazer algumas encomendas. Apopi, indo respeitosa e à minha frente, conduziu-me ao interior de um imenso galpão, aberto dos dois lados, onde se podia ver uma barafunda de pedra de diversos tamanhos e numerosas estátuas em execução. No meio, junto a uma enorme estátua de Osíris, encontrava-se um homem em pé, sobre um estrado, ocupado em polir a pedra. De costas para mim, inteiramente absorto em seu trabalho, ele parecia nada ver nem ouvir.

– Itamar – bradou Apopi, em tom de reprovação –, será que os deuses o fustigaram com a loucura? A filha do faraó honra nosso humilde teto com sua presença, e você permanece aí, empoleirado como uma gralha, de costas para ela?

O homem, após ser interpelado dessa forma, virou-se, saltou com destreza para o chão e, depois de se prostrar, ficou em pé, de braços cruzados, tão imóvel quanto a estátua de Osíris. Fixei-o por um instante, completamente fascinada. Nunca até então eu tinha visto criatura tão bela quanto ele. Alto, esbelto, de uma perfeição ideal de formas, Itamar tinha o tipo semita: cabelos negros e encaracolados emolduravam-lhe o rosto pálido, de traços harmoniosos. Mas o mais admirável nele eram os olhos negros e límpidos, que exprimiam tal bondade e encanto que por um momento me fizeram tudo esquecer.

Arrancando-me àquela contemplação, ordenei que me mostrassem tudo: Apopi, auxiliado por Itamar, colocou seu ateliê à minha disposição, e encomendei a ele, além das obras de arte de que falara a Asnat, um busto meu e outro de minha amiga, especificando que os modelos em barro fossem executados no palácio. No momento de me retirar do ateliê, meus olhos buscaram o semita; ele estava de pé a poucos passos de mim. Por um instante, seu olhar ardente e estranho mergulhou no meu, fazendo meu coração bater com violência. Retirei-me como num sonho, e tornei a subir em minha liteira. Radiante, Asnat murmurou palavras de agradecimento que mal pude ouvir.

Apopi veio no dia seguinte, acompanhado por Itamar, e ambos começaram a modelar os bustos encomendados. Diversas vezes, ao longo daquela hora, Asnat trocou olhares e palavras de amor com Apopi. Mas a presença do jovem hebreu agia sobre mim como um sufocamento: a respiração me faltava e o olhar dele me queimava como fogo.

Certa manhã, Apopi veio só. Quis lhe perguntar onde estava seu ajudante, mas o orgulho e a vergonha de um interesse tão inadequado me fez calar. No dia seguinte, o escultor tornou a vir só: a inquietude me devorava a ponto de eu mal conseguir me conter. Foi quando Asnat, como se adivinhasse meus mais secretos pensamentos, perguntou por que Itamar não viera.

- Ele está doente - respondeu o escultor.

- Ele tem família? Alguém está cuidando do pobre homem? - indaguei, aliviada.

- Itamar está na casa de seu cunhado Amram, e sua irmã Jocabed tem cuidado dele. São pessoas pobres, mas bondosas, e o amam.

- Como se explica que seja tão íntimo de um amu? - indaguei.

- Há tantos deles em Tanis, que é impossível ignorá-los. Além disso, Itamar e eu nos conhecemos há muito tempo. Seu grande talento para a escultura, além de seu excelente caráter, fizeram com que eu o estimasse muito.

- Asnat - disse eu -, ordena que enviem a Apopi um cesto de frutas e uma ânfora do melhor vinho; é para seu amigo, em sua convalescença.

A partir daquele dia, a inquietude não me deixou mais. Eu sentia uma espécie de vazio interior: faltava-me Itamar. O timbre velado e melodioso de sua voz ressoava em meus ouvidos; em sonho, seu belo semblante e seus olhos fascinantes perseguiam-me. Em vão dizia a mim mesma que ele não passava de um operário miserável, membro de um povo desprezado: quando minha memória fiel me trazia à mente sua figura, seu sorriso encantador, eu esquecia sua origem, sua posição ínfima. Todo preconceito se desvanecia, e a razão dava lugar ao incontrolável desejo de revê-lo a qualquer preço. Por fim, não consegui mais fechar os olhos ao meu próprio estado: sentia uma paixão inconsequente por um réprobo, um homem impuro, do qual um abismo me apartava. A raiva e a vergonha me devoravam. Tinha medo e horror de mim mesma: um mau

espírito teria se apossado de mim? Tornei-me arisca e desconfiada com os que me cercavam, pois acreditava que cada um deles era capaz de ler, em meu semblante, meu terrível segredo. Em vão buscava distrações para fugir a esses tormentos. Visitava os templos, oferecendo aos deuses prendas e sacrifícios, passando horas de joelhos, em prece fervorosa, rogando aos invisíveis que me livrassem daquela obsessão, que afastassem de mim a imagem do semita.

Muitas vezes surpreendi o olhar de Asnat fixo em mim, com angústia, mas ela não ousava me falar. Certa tarde nos encontrávamos a sós no jardim, num pequeno terraço que dava para o Nilo. Recostada à balaustrada, eu contemplava o rio, absorvida em pensamentos sombrios. O sol se punha, dourando com seus raios escarlates a folhagem das árvores e a superfície cintilante das águas. Eu voltava a cabeça para dizer alguma coisa a Asnat quando surpreendi mais uma vez em seus olhos aquela expressão estranha e angustiada.

- Que hábito é esse que você pegou de me olhar de modo tão estranho, como se me vigiasse de alguma forma? - eu disse, aborrecida.

Como resposta, Asnat lançou-se aos meus pés e, tomando minhas mãos, cobriu-as de beijos e lágrimas.

- Termutis, isso não pode continuar assim. Algo terrível se passa em sua alma, você está pálida e magra, o sono abandonou sua cama, seu rosto queima e suas mãos estão geladas. Sou indigna de sua confiança, eu sei, mas eu a amo tanto! Por minha vida, eu queria lhe provar minha gratidão, e sei mais do que imagina. Não foi à toa que fiz com que suas aias se mantivessem longe e velei sozinha por seu repouso; durante o sono, seus lábios revelaram aquilo que tortura seu coração, e inúmeras vezes você chamou Itamar. Oh, Termutis!, aceite minha ajuda e meu amor, para que você se fortaleça e oculte esse nome no mais secreto recanto de seu coração, a fim de que não se torne sua vergonha e a perda do infeliz.

Fiquei aniquilada, arrasada! Tudo dançava diante de meus olhos ofuscados: em sonho eu revelara seu nome! E se outro que não a fiel Asnat o tivesse ouvido?... Oh, a morte naquele momento teria sido bem-vinda! Enlacei o pescoço de minha amiga de infância, apertei meu rosto contra o dela, e minhas lágrimas ardentes esborrifaram em suas bochechas. Eu experimentava os tormentos do inferno e ninguém poderia me consolar,

pois, sendo a origem do homem que eu amava odiada e desprezada pela eternidade, eu deveria esquecê-lo, banir sua imagem ou desprezar a mim mesma.

Passada a primeira emoção, conversamos: Asnat jurou-me sigilo absoluto e, apesar de tudo, eu me senti aliviada. Tinha uma confidente e podia falar do sentimento que absorvia todo o meu ser.

Muitos dias se passaram em relativa calma. Eu buscava todas as oportunidades de ficar a sós com minha amiga; antes de me deitar, dispensava minhas aias, e nós conversávamos longas horas. Certa noite, estávamos sentadas junto à janela aberta, aspirando os aromas que subiam do jardim; tudo dormia no palácio, e apenas os gritos dos soldados da guarda cortavam o silêncio profundo; de repente, fez-se um leve rumor nos arbustos de rosas sob minha janela, e um seixo, ao qual se atava pequena faixa de pergaminho, caiu sobre o regaço de Asnat. Ela apanhou avidamente o papiro e o decifrou sob o clarão da lua.

– É uma mensagem de Apopi – ela disse, enrubescendo. – Foi Itamar, que já se recuperou, quem a trouxe, e se encarregará também da minha resposta, que é urgente, e que eu escreverei em suas tabuinhas, se você me permitir.

Respondi com um sinal de cabeça; meu coração batia, prestes a explodir. Lá, a poucos passos de mim, estava Itamar! Eu queria falar com ele, saber detalhes de sua saúde, era algo inocente e não poderia me comprometer. Quando Asnat retornou com as tabuinhas, eu revelei meu desejo. Ela não contestou, mas, temendo que pudessem perceber o homem perto de minha janela, inclinou-se e ordenou a Itamar que se escondesse sob um caramanchão coberto, que indicou a ele. Depois, oferecendo-me o braço, ela me ajudou a descer do terraço. Minhas pernas tremiam, embora eu não temesse ser descoberta. Ainda que uma sentinela me avistasse, passeando em companhia de minha amiga, não se surpreenderia, pois muitas vezes nós desfrutávamos do sossego e do frescor da noite assim, preferindo repousar durante as horas mais abafadas do dia.

Já estávamos próximas do caramanchão de acácias quando Asnat lembrou que deixara sobre a mesa um objeto que desejava enviar a Apopi; desculpando-se, ela retomou rapidamente o caminho do palácio. Pela primeira vez eu me encontrava a sós com Itamar, que, iluminado pela lua,

estava em pé, a alguns passos de mim, apoiado ao banco de pedra. Tinha emagrecido, e uma expressão de sofrimento e taciturna tristeza encobria seu belo rosto.

Um ardente desejo de consolá-lo me tomou e, movida por esse impulso, dei alguns passos em direção ao banco:

- Itamar, você precisa de algo? Está recuperado? Sua aparência exprime tristeza e sofrimento. Eu posso lhe ajudar?

Ao som de minha voz, ele estremeceu, fixou em mim um olhar perturbado e caiu de joelhos.

- O sol brilha alto demais para que seus raios possam atingir e dissipar a neblina que ofusca a alma do pobre e impuro semita - ele murmurou.

- Mas você, ilustre filha do faraó, que os deuses a abençoem e protejam! Que derramem sobre sua cabeça todas as venturas pelas palavras de doce compaixão que, do alto do trono, dirigiu a um homem mais ínfimo que a poeira em que pisa.

Ele se arrastou até mim e, tomando a barra de minha túnica, pressionou-a contra seus lábios.

- Condena-me, ó, rainha, pelo que acabo de fazer! De boa vontade entregarei minha vida pelo crime de haver tocado suas vestes.

O que experimentei é difícil descrever. Estranho erro é acreditar que o amor tal como vocês o entendem hoje não existia na antiguidade. Também eram seres humanos, e todos os sentimentos que fazem bater os corações de vocês faziam palpitar os dos antigos. Repito: é difícil descrever o que eu sentia. Aquela voz grave, que vibrava com uma paixão contida, inebriava-me. Seus olhos, que brilhavam de medo e exaltação, me fascinavam. Involuntariamente, pousei a mão sobre sua cabeça, e meus dedos se afundaram em seus cachos espessos e sedosos. A esse contato, estremeeci e, esquecendo a prudência e os preconceitos, esquecendo que ali, diante de mim, estava um homem impuro e desprezível, disse com a voz entrecortada pelas lágrimas:

- Você não sofre sozinho, Itamar. Que isso lhe seja um bálsamo! Eu choro porque sua origem cava um abismo entre você e a filha do faraó. Oh, por que você é um semita?

Ao ouvir minhas palavras, Itamar levantou-se de um salto. Com olhos cintilantes, tomou minhas mãos e se inclinou, para ler em meus

olhos aquilo que eu já não tinha mais força para dissimular. Senti como uma tontura, e apoiei a cabeça em seu ombro. Ele tomou-me nos braços e seus lábios ardentes se apertaram contra os meus, enquanto murmurava:

- Termutis!

Quando, uma hora mais tarde, eu entrava em meus aposentos, senti-me zozna. Asnat, pálida e preocupada, ajudou-me a deitar. Mas eu não consegui dormir nessa noite inesquecível: estava ébria de felicidade, porém, ao mesmo tempo, oprimida e infeliz. O que diriam Ramsés e os sacerdotes se descobrissem a verdade? Mas eu afastava esse pensamento... Por que razão eu não conseguiria ocultar tudo?

Algumas semanas se passaram. Sob a proteção da fiel Asnat, me encontrei com Itamar por mais de uma noite, e estremecia só de pensar em não tornar a vê-lo. No entanto, a inevitável separação se aproximava, pois a corte se preparava para voltar a Tebas. Em minha cega paixão, conjecturei colocar Itamar entre meus serviçais, para levá-lo comigo. Mas na noite em que eu iria combinar com ele os detalhes definitivos desse plano, ele não compareceu ao encontro: em seu lugar apareceu Apopi.

- Estou sabendo de tudo, princesa - disse ele se desculpando -, e venho lhe suplicar de joelhos que rompa qualquer relação com o semita; todos nós arriscamos nossas cabeças, pois acredito que já a espionam.

Ele opôs-se abertamente ao meu plano de levar Itamar, garantindo-me que o próprio Itamar tinha razões de sobra para abrir mão disso. Eu tive de ceder, colocando como única condição revê-lo ainda uma vez, para dele me despedir.

Desde minha áspera recusa, Chenefrés se mantinha a uma respeitosa distância de mim. Mas um dia, numa festa, surpreendi-o a fitar-me com tal expressão, que fez o sangue gelar em minhas veias: ódio, raiva e sarcasmo ali se misturavam, e o respeito de outrora desaparecera. Mas como ele soubera? Não, era impossível! Minha consciência pesada fazia-me enxergar fantasmas sombrios por toda parte.

Na véspera da partida, tive um derradeiro encontro com Itamar. Com a alma morta, eu só deixei os seus braços quando os primeiros raios da aurora tingiam o horizonte. Uma última vez ele apertou seus lábios em minha mão, e desapareceu.

Triste e abatida, retornei a Tebas. Porém, para afastar qualquer

suspeita, tive que retomar minha antiga rotina. Nessa ocasião fiz uma descoberta que por pouco não me tirou a razão – e isso eu não ousei confessar nem mesmo à minha fiel confidente. Um suor glacial cobria meu corpo só de pensar no que me esperava. Apenas um vago instinto me impelia a ganhar tempo, e eu dissimulava, fingindo alegria com uma força sobre-humana, e não pouparando o carmim para minhas faces pálidas.

Certa noite, tendo dispensado meu séquito e ficando apenas com Asnat, esta, sentada ao meu lado, procurava entreter-me com sua tagarelice, e de repente disse:

– Sabe, meu irmão me contou ainda há pouco que, no jantar, Ramsés falou de você. Ele acha que algum mau olhado recaiu sobre você, e que está doente. Por isso ordenou ao grande sacerdote do templo de Amon que enviasse um médico amanhã. Na certa, ele lhe trará amuletos. De fato você não está com boa aparência, Termutis. Sei que seu amor pelo hebreu a atormenta, mas você também sabe que é preciso esquecê-lo.

Eu nada respondi: faltou-me o ar. Tinha a impressão de que meu coração oprimido estava prestes a explodir de tanta angústia – no dia seguinte, viria o médico e sacerdote enviado pelo faraó, e a verdade seria descoberta, aquele segredo aterrorizante que me roubava a paz. Sem dúvida, meu aspecto deve ter se tornado assustador, porque, ao olhar para mim, Asnat deixou escapar um grito.

– Termutis! O que está acontecendo? Você se sente mal?

Como resposta, eu a apertei de encontro ao peito, pois meu coração transbordava. Aproximando os lábios da orelha de minha amiga, revelei a ela toda a verdade. Pálida como uma morta, Asnat cobriu o rosto com as mãos:

– Estamos todos perdidos! – murmurou ela. – O que você fez, Termutis? E o infame Itamar, como foi capaz de tamanha ousadia?

– Deixe-o em paz! Sou a única culpada – eu respondi, cobrindo-lhe a boca.

Passamos uma noite horrível, e foi somente quando a manhã se aproximava que, exausta, caí por algumas horas num sono pesado e profundo.

Ao despertar, mandei que me vestissem, maquiei-me e fui me acomodar num pequeno terraço coberto, ornado de flores. O ar ali era fresco, mas o medo do que estava para acontecer fazia meu corpo arder como

fogo. Dispensei todo mundo, com exceção de algumas mulheres que me abanavam, e, com os olhos pregados na porta pela qual o sacerdote deveria entrar, esperei. Sentada ao meu lado, Asnat entretinha-se com um trabalho feminino. Mas também a ela o medo mantinha de boca fechada, e era tal que lhe fazia tremer as mãos.

A entrada de meu pajem, que anunciava que Suanro, o médico do templo de Amon, desejava falar-me, interrompeu meus pensamentos. Uma nuvem passou diante de meus olhos quando o sacerdote se aproximou e tomou assento ao meu lado. Eu já o vira mais de uma vez, sem prestar atenção, mas naquele momento de angústia seus traços se incrustaram em meu coração palpitante.

Era um homem ainda jovem, cujo semblante belo e sereno exprimia grande bondade, mas seus olhos profundos e severos pareciam ler dentro do coração humano, como em um livro aberto.

Sem tirar os olhos de mim, ele me interrogou e, em seguida, pousou a mão sobre meu peito. Não sei o que respondi: tudo o que meus olhos viam era o vinco profundo que, pouco a pouco, foi-se escavando na fronte do sábio... Asnat parecia ter-se transformado em estátua.

Por fim, o médico levantou-se e, cruzando os braços, disse com autoridade:

– Retirem-se todos. Farei uma conjuração contra os espíritos perniciosos que atacam a saúde da princesa.

Eu me senti aliviada; porém, até aquele dia, jamais um desses homens de longas vestes brancas me parecera tão temível.

Quando ficamos a sós, ele voltou-se para mim, e seu olhar cintilante e perscrutador me disse (mais do que palavras seriam capazes de fazer) que ele havia descoberto tudo.

– Desventurada filha de reis, confessa a verdade ao médico e sacerdote a quem deve toda confiança, pois é ele o intermediário entre você e os deuses.

Sua voz soou em meus ouvidos como a de um dos temíveis juízes do reino das sombras. Involuntariamente, deixei-me cair de joelhos e ergui as mãos, postas numa súplica silenciosa. Minha garganta estava fechada, e foi com esforço que murmurei:

– Misericórdia!

Ele me fitou por um instante, e sua fisionomia abrandou-se.

- Infeliz criança, que misericórdia me pede?

- O silêncio - eu respondi, e uma torrente de lágrimas inundou meu rosto.

Suanro me levantou, recolocou-me sobre meu assento, e disse, enquanto se sentava:

- É muito o que me pede. Porém, se me mostrar uma confiança absoluta, eu talvez o conceda, pois suas lágrimas e seu profundo arrependimento me comovem. Fale, então, Termutis, confesse sem restrições, pois eu devo saber quem é o autor da sua vergonha, e, assim como é verdade que sou servidor do maior dos deuses, eu me calarei.

Escondi o rosto com as mãos - minha confissão o faria recuar de horror. Eu havia pisoteado todos os mandamentos da minha religião e manchado minha honra no contato com um impuro.

- Diga-me tudo, minha filha - disse o sacerdote, apertando minha mão -, e não tema nada, seja qual for o nome que deva me dizer.

Com um soluço abafado, tornei a cair de joelhos:

- Suanro, eu não poderia pronunciar esse nome senão prostrada por terra, diante do representante dos deuses.

Ele se inclinou para mim com compaixão e, não sei dizer de que maneira, de meus lábios trêmulos saiu, como num sopro, o relato de tudo o que se havia passado.

O sacerdote ergueu-se, levando as mãos à cabeça:

- Sim - ele disse, fitando-me com horror e repulsa -, os deuses afastaram suas bênçãos de você, infeliz, e o espírito do mal se apoderou de sua alma e perturbou sua razão.

Diante daquele olhar, eu me recompus, e uma resolução desesperada me invadiu a alma:

- Tem razão - eu disse, exaltada -, foi o espírito do mal que me inspirou um amor cego por esse homem impuro. Todavia, eu lutei, desejei esquecê-lo. Orei e ofereci sacrifícios em todos os templos, mas os imortais deram-me as costas, deixando-me entregue a esse sentimento que torturava minha alma e pesava sobre meu peito como uma pirâmide de pedra. Sei que sou culpada, digna de todos os sofrimentos, e que os quarenta e